



UMA METATIPOLOGIA DA EXPLICAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LITTLE, Daniel. *Varieties of social explanation: an introduction to the philosophy of social science*. Boulder: Westview, 1991.

Jordão Horta Nunes*

O interesse na filosofia das ciências sociais ou, como preferimos, na metodologia das ciências sociais, considerada como análise crítica do processo da pesquisa social e de seus pressupostos, é freqüentemente desencorajado perante as dificuldades que esse tipo de investigação acarreta. O estudante, ou mesmo o pesquisador em atividade, resiste a enfrentar problemas pertinentes à área, como a distinção entre explicação e compreensão ou a questão da causalidade, por envolverem um conhecimento, ainda que básico, em lógica, filosofia da ciência e filosofia da linguagem, entre outras disciplinas fora do âmbito de sua formação. O livro de Daniel Little, *Varieties of social explanation*, propicia uma boa introdução ao campo da metodologia das ciências sociais, no sentido que aqui privilegiamos. Evitando digressões filosóficas e empregando um estilo simples e direto, Little recorre, com freqüência, a exemplos de autores clássicos e contemporâneos para ilustrar sua argumentação, dando margem para que avaliemos sua obra preponderantemente em termos de uma dimensão propedêutica. Ainda que o caráter de obra introdutória seja relevante (o que já é bastante oportuno nessa área de conhecimento), há pelo menos dois aspectos que evidenciam decisões

* Doutor em Sociologia pela USP. Professor adjunto de Sociologia, do Departamento de Ciências Sociais da UFG.

metodológicas criteriosas, que exigem justificação: Little posiciona-se a favor de um pluralismo metodológico e, ao mesmo tempo, incentiva o emprego da teoria da escolha racional e da causalidade na explicação social. Julgamos que sua reconstrução articula, com sucesso, essas duas propostas, o que nos leva a recomendar sua leitura não só aos neófitos, mas também aos especialistas; afinal, compreende um esquema conceitual orientador que leva em conta contribuições fundamentais na literatura recente.

Daniel Little propõe, na primeira parte de seu livro, uma metatipologia da explicação nas ciências sociais, classificando-a em três modelos e dedicando a cada um deles um capítulo: análise causal, teoria da escolha racional e teoria da interpretação. As possíveis aplicações de cada modelo são evidenciadas em quadros de exemplos da produção científica na área, contendo pequenos resumos que enfatizam os principais argumentos de cada obra considerada, uma designação dos modelos explicativos envolvidos e uma relação dos tipos de dados utilizados. Numa segunda parte o autor aplica a metatipologia da explicação social na análise de alguns temas da área: as explicações funcional e estrutural, o materialismo, a antropologia econômica e a análise estatística. Finalmente, Little enfoca duas questões recorrentes na metodologia das ciências sociais, o individualismo metodológico e o relativismo, argumentando, no último capítulo, a favor do pluralismo e esboçando a caracterização preliminar de sua opção metodológica.

A explicação causal é considerada pelo autor como proeminente nas ciências sociais; há uma conexão íntima entre explicação causal e escolha racional: o processo central causal subjacente às mudanças sociais deriva do comportamento intencional-racional por parte dos indivíduos. A ênfase na causalidade e na escolha racional constitui o eixo argumentativo central, impondo, ao mesmo tempo, os limites de sua análise. Temos, por um lado, uma reconstrução sucinta das teorias da causalidade, introduzindo o leitor em uma problemática complexa da epistemologia científica, que ocupou desde Locke e Hume até autores contemporâneos como John L. Mackie e Wesley C. Salmon. Em seu esquema conceitual, a causalidade é concebida como mecanismo causal, regularidade indutiva ou condição necessária e/ou suficiente. O pensamento causal assume várias formas na investigação social, o que

Little deixa bastante claro, comentando e exemplificando os estudos de caso, o método comparativo (na ordem do dia com a articulação de grupos de pesquisa em âmbito internacional), os métodos de indução por eliminação de Stuart Mill e os métodos estatísticos, aos quais é dedicado todo um capítulo na segunda parte do livro.

As considerações de Little sobre a teoria da escolha racional não se limitam a sua aplicação no quadro conceitual do marxismo analítico. Se, por um lado, alusões a argumentos de Cohen, Roemer, Elster e Przeworski são mais evidentes no capítulo sobre o materialismo, prevalece a opção metodológica por uma teoria da escolha racional ampliada, admitindo que a tomada racional de decisões em situações práticas requer a influência de normas e valores e sentidos culturalmente estabelecidos, além do determinante usual da maximização da utilidade ou dos interesses valorizado pela teoria estreita da escolha racional. Assim, Little aproxima-se de Amartya Sen, Howard Margolis e John Rawls, favorecendo uma concepção da tomada de decisões que leve em conta as normas, além das preferências. O autor também não se restringe ao individualismo metodológico que predomina entre os teóricos da escolha racional e defende uma tese dos microfundamentos: uma relação explicativa em nível social (causal, funcional, estrutural) deve ser suplementada por dois fatores: conhecimento das circunstâncias locais que levam o indivíduo típico a agir de forma a suscitar essa relação explicativa; conhecimento dos processos agregativos que conduzem esse tipo de ações individuais a uma relação explicativa em nível social (p. 196). No entanto, a tese dos microfundamentos, que contesta as implicações reducionistas do individualismo metodológico e viabiliza uma articulação entre níveis micro e macro de explicação, constitui um desenvolvimento do argumento que os marxistas analíticos dirigiram às explicações funcionalistas e à análise das classes no marxismo ortodoxo. O próprio autor reconhece que a tese da necessidade de microfundamentos para a validade das macroexplicações implica o reconhecimento de processos em nível individual, que recebem dois tipos básicos de explicação: modelos da escolha racional ou modelos motivacionais da psicologia social. O fato de privilegiar os modelos da escolha racional não é o que limita a abrangência da reconstrução metodológica de Daniel Little; o problema está em não reconhecer outra família de modelos, ligada à situação de comunicação

ou à interação discursiva. Não há, em decorrência dessa omissão, referência à articulação entre pragmatismo e sociologia, nem a uma psicologia social de dimensão sociológica como a de G. H. Mead e J. Dewey, que influenciaram não só o interacionismo simbólico nos Estados Unidos, mas outras teorias na Europa (como a teoria da estruturação social de Anthony Giddens e o conceito de habitus no pós-estruturalismo de Pierre Bourdieu). Tais teorias apresentam como ponto comum a articulação entre agência e estrutura ou, em outros termos, entre os níveis micro e macro. Não aparecem também as vertentes derivadas da incorporação do pragmatismo norte-americano (principalmente por influência de Mead, Dewey e Peirce) e das contribuições da hermenêutica e da dialética na filosofia das ciências sociais, como na teoria da ação comunicativa habermasiana e no pragmatismo transcendental de Karl Otto Apel.

O esquema metateórico elaborado por Little subordina a interpretação à explicação, afastando-se de propostas que incentivam uma relação dialética ou, pelo menos, complementar, entre os dois procedimentos metodológicos, como sugerem Gerard Radnitzky e Paul Ricoeur, além de Habermas e Apel. A justificação metateórica para essa subordinação, baseada na teoria dos microfundamentos, que defende a explicitação dos mecanismos causais entre os níveis micro e macro, não ostenta, no entanto, a solidez lógica e argumentativa de George H. von Wright, que subordina, inversamente, a explicação à compreensão, o que nos parece mais defensável para as ciências sociais. Von Wright, tentando quebrar a dicotomia explicação-compreensão, atacava as tentativas de explicar ações humanas recorrendo à idéia da causalidade em sistemas fechados e propondo o “silogismo prático” como modelo alternativo às explicações de tipo causalista que Little valoriza para as ciências sociais, baseadas no modelo de subsunção teórica à lei geral. Sustentando que uma explicação teleológica da ação é normalmente precedida pela compreensão intencionalística de alguns dados comportamentais, Von Wright distinguia “camadas” ou níveis nesses atos de compreensão. Nas ciências sociais e na história, a explicação em um nível freqüentemente prepara o caminho para uma reinterpretação dos fatos num novo nível, gerando uma seqüência hierárquica de atos interpretativos de captação de significado, que Von Wright denominou

“interpretação explicativa” (Explanation and understanding, 1971, p. 132-4).

Embora haja diferenças consideráveis e, segundo minha leitura, também limitações, entre a reconstrução de Little e a de outros autores citados, no que se refere à articulação entre explicação e compreensão/interpretação ou entre níveis micro e macro, uma característica metodológica parece aproximá-los. Trata-se da crítica ao fundacionismo clássico que afirma, grosso modo, a possibilidade de justificar os enunciados sobre o mundo externo por meio de enunciados infalíveis embasados em nossos estados sensoriais. No caso de Little, essa posição crítica toma a forma de um pragmatismo ou utilitarismo metodológico: “o que determina a adequação de um sistema de conceitos na ciência é sua maior utilidade para analisar e explicar o intervalo de fenômenos aos quais se aplica – e não seus ‘fundamentos’ em um nível ontológico supostamente básico” (p. 186). Essa postura, aliada à valorização de um pluralismo metodológico, diminui, em nível metateórico, o prejuízo de desconsiderar as situações de interação e comunicação como base para a pesquisa em ciências sociais, relevando, por outro lado, a importância da escolha e da decisão racionais. No nível das decisões metodológicas, a escolha racional deve ser compreendida não como uma forma de comportamento exaustiva, mas apenas abrangente, não se adequando a todos os objetos de investigação. Outras linhas de explicação social, como o causalismo e a sociologia interpretativa, constituem perspectivas alternativas, mas não logicamente contrárias, identificando fatores pertinentes e compatíveis do mundo social. Deve-se, portanto, evitar o dogmatismo metodológico e investigar, no mesmo programa ou em programas distintos, aspectos diferentes da realidade social.

Sugiro que a postura pragmática e pluralista de Daniel Little seja aplicada, retroativamente, em relação a seu próprio livro. Sua metatipologia da explicação no campo da metodologia das ciências sociais é bem-vinda; representa uma tentativa bem-sucedida de reconstrução metodológica numa área de conhecimento em que se discute a própria predominância de um paradigma, condição necessária da ciência madura, na concepção de Kuhn, ou que, segundo outros autores, não comportaria até mesmo uma dimensão normativa do conceito de paradigma. Contudo, o privilégio conferido a abordagens da causalidade e da escolha racional,

em detrimento da perspectiva interpretativista, priva o leitor de abordagens dualistas que, na esteira de Weber, investigam a agência e a estrutura social, questionando as dicotomias objetivo–subjetivo, realismo–nominalismo, explicação–compreensão, tão caras à metodologia das ciências sociais. Portanto, ao interessado que, ansioso por conhecer melhor as perspectivas críticas do fundacionismo que se encaminham ao dualismo ou pluralismo metodológico recomendado pelo autor, resta consultar outras reconstruções, como a de R. Bernstein (*Beyond objectivism and relativism*, 1983), a de Radnitzky (*Contemporary schools of metascience*, 1973), ou a de Habermas (*La logica de las ciencias sociales*, 1982). Tais obras, em maior nível metateórico, não constituem, no entanto, literatura para iniciantes. Faltam-lhes a dimensão propedêutica, a provisão de exemplos e de referências em nível teórico, além do esquema conceitual de grande simplicidade, presentes no trabalho de Daniel Little que foi objeto desta resenha.